



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

Um dia de «Os Dias sem amanhã»

Luísa Dacosta

Para citar este documento / To cite this document:

Luísa Dacosta, "Um dia de «Os Dias sem amanhã»", *Colóquio/Letras*, n.º 172, Set. 2009, p. 172-176.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Um dia de «Os Dias sem amanhã»

LUÍSA DACOSTA

Setembro/2008

Como era lenta a desertificação da vida! Sofrida no dia-a-dia, agora que estava cada vez mais velha e mais só. O que eram as horas, mesmo afogadas em tarefas, que se impunham, confrontadas com o desaparecimento de familiares e amigos e o ver o seu mundo a despovoar-se e a ficar sem afectos? A última vez que regressara às raízes sentira atrás de si uma cidade inteira de ausências, mortas.

Às vezes, sufocada por tanta solidão, saía logo pela manhã, antes das oito horas e ia até à beira-mar. O azul cinza da maré, minguada, de ondinhas curtas e como que bordadas pelo bilrado da floração das asas das gaivotas, trazia-lhe o outro mar violento, que tinha amado, agora para sempre perdido. E lembrava uma praia, deserta, sem trabalho e sem barcos, sem mantas acastanhadas de sargaço a secar, sem capelas enchapeladas de palha, sem papagaios, pobres, feitos do plástico preto dos sacos a riscarem o azul, por cima das carrelas cheias ou de um ou outro ganha-pão, espetado nas dunas. Nunca mais tornaria a ver a lua cheia a banhar-se na fimbria da maré, como no tempo em que habitava as dunas de um telhado. Que saudades daquela lua-de-água, nenúfar branco e cheio, a boiar na noite das ondas, que subiam! Nunca mais. As árvores da Cincunvalação tapavam-lhe até a lembrança daquela beirada outra. Nada restava.

Era ainda cedo e a esplanada estava quase deserta. As poucas pessoas, que passavam, apressavam-se na direcção da paragem dos autocarros, fechadas nos seus problemas do dia-a-dia: a precariedade do emprego, idas ao hospital, contas que se acumulavam e o dinheiro a não esticar até ao fim do mês, as fomes ocultas, os desejos insatisfeitos, na indiferença dos outros, também fechados em si e nos seus próprios problemas. Num dos muros estava escrito a spray: «Amo-te Solange — one year, one day, one moment, one love». Era ali, apesar do amarelo berrante da tinta, uma lápide de cemitério, destinada a desaparecer, ainda mais cedo do que as lápides de cemitério. Quando a Câmara concedesse o licenciamento para a construção dos últimos prédios

de andares e do anunciado «Palace da Avenida» a marginal seria renovada e a inscrição passaria como tudo nesta vida. E também uma «Hope» gigante, entre a merda e outros palavões menores, que a folhagem das árvores novas começava já a tapar. O mundo afundava-se num caos que a globalização economicista arrastava consigo: desemprego, injustiças, guerras, fomes, emigração clandestina, campos de refugiados transformados em campos de morte, não só pela fome, mas porque a civilização (!) permitia o bombardeamento de civis, naquelas lutas entre terrorismo de estado, liderado pelos Estados Unidos, Israel, China, Paquistão, e terrorismo sem estado, ligado a concepções religiosas extremistas, e também a interesses económicos e de domínio. Grande parte da população mundial vivia no limiar da pobreza. Mesmo em países como a China e a Índia, que tinham atingido assinaláveis surtos económicos, ainda grande parte da população vivia com 78 cêntimos por dia. Lanza del Vasto tinha razão: «Estranho cálculo o dos homens que pretendem fazer parar o mal, fazendo mal àqueles que o desencadeiam»... Assim se seguiam guerras e revoluções. Assim eram «forjadas as cadeias da História»¹. A nível planetário a situação não era melhor, devido a um consumismo fomentado por uma publicidade invasora e imoral, que desviava os gastos e as necessidades e as substituía por viagens, luxo, modas, sexo, dinheiro sem trabalho, que bastava pedir pelo telefone, como se não fosse preciso pagá-lo com juros. Tudo isso ligado ao aquecimento do planeta, pela emissão, descontrolada, de gases para a atmosfera a causar terremotos, tufões, cheias, actividade vulcânica, derretimento dos gelos polares, incêndios florestais, desertificação. Quanto ao país afogava-se na «apagada e vil tristeza», há séculos anunciada pelo Poeta que quase tinha sido banido dos programas de ensino, não baseados na literatura, arte ou ciência, nem na exigência lúcida e rigorosa, mas num facilitismo que permite erros de ortografia e sintaxe, encarados como «desvios» e exames totoloto, que tornavam o ensino obrigatório mais abrangente e massificante, com passagens inadmissíveis e paralisantes num ensino, verdadeiramente superior, que não confundisse os meios tecnológicos com os fins e a modernidade! Mas nada era sério. A começar pelos noticiários, mesmo na televisão de estado, a abrir com futebol, chicanas ou rivalidades entre clubes, transferências de jogadores, pagas a peso de ouro, como se estivéssemos no melhor dos mundos e não tivéssemos o rendimento mais baixo da Europa.

Entretanto a hora de ponta para o trabalho tinha passado. A esplanada estava deserta, frente ao mar, onde alguns barcos-contentores esperavam entrada em Leixões. Eram horas de regressar a casa. A empregada não vinha todos os dias e só três horas de algumas tardes, para limpezas mais profundas à cozinha, casa de banho, varanda, vidros e passar a ferro. As arrumações diárias, as máquinas de roupa e louça, compras e comida eram com ela. Precisava de regressar, para arrumar o quarto, que deixara a arejar e fazer o almoço.

Ao subir a Circunvalação reparou que, apesar de estarmos ainda nos inícios de Setembro, o Outono estava no chão. Não com aquele ouro e sangue de outrora, mas de folhas castanhas, encarquilhadas e que, por antecipação, entre o verde das ervas e das flores selvagens, anunciavam o terrear do Inverno. As quatro estações, que conhecera, muito nítidas, na primeira metade do outro século, onde tinha nascido, já só tinham existência na moda, em nome de um consumismo que teimava em fazê-las persistir. E que juntamente com outras criações de falsas necessidades nos afogavam em toneladas de lixo. Agora, durante todo o ano, havia chuvas, às vezes torrenciais, granizo, neve, dias de sol e grandes amplitudes térmicas. Tudo se degradava com o aquecimento global. Até as noites tinham, agora, menos estrelas, já que as névoas de poluição as apagavam. Onde estava a Ursa Maior da sua infância? — pensou enquanto metia a chave à porta.

O deserto era uma infinita sede, agora o sabia. E desertos eram os dias que lhe restavam. Como deserto era o lugar dos amigos e dos afectos. Estava rodeada de ausências, perdidas umas, mortas outras. Os dias eram uma areia seca, como os do hospital, habitados por lembranças idas, que tinham sido mimos, orações da tia Mercedes, histórias da mãe, miudezas de brincares no quintal. E algumas (agora o recordava) acompanhadas de cantilenas, cruéis, como aquela que decidia quem ia ficar na malha, quando jogavam aos escondarelos. E que só agora se dava conta — era uma aprendizagem, interiorizada, inconscientemente, da dolorosa situação da mulher, criada para o sofrimento e com poucas alternativas, na província e na primeira metade do século XX.

*Uma quarta de sabão
pra lavar o coração.
Uma faquinha amarela
para cortar a goela.*

Miudezas que, agora, choviam, pólen invisível, nas paredes frias e hostis da casa, apesar dos quadros, tão amados e ligados à sua escrita, dádiva, amiga, dos pintores. Senti-as, agora, como o anoitecer na solidão duma grande metrópole de negócios, onde não temos raízes, nem sonhos, e rodeada de malas já fechadas, esperamos apenas a hora de apanhar o avião de regresso, por detrás das janelas do hotel. Os olhos espetados na indiferença das casas, ainda sem luzes acesas, já que só depois do comércio fechado as multidões recolhiam, em direcções várias, sem nos saberem ou desejarem. Era aquela mesma gota de solidão que as paredes da casa lhe ofereciam, agora. E recusava-se a descer, mais uma vez, ainda uma vez, as escadas de pedra do quintal da velha casa da infância e regressar a um tempo mítico, aquecido a bafo humano. Recusava-se, mesmo só em pensamento, a aspirar o perfume das rosas e dos lilases, a

tornar presente o tronco, amigo, da japoneira (existiria ainda?), onde depois de encarrapitada se estirava naquele ramo forte e amigo e ali, alongada e segura, tinha lido o *Dai-Nippon* de Wenceslau de Moraes. Há quantos anos já?! Não devia torturar-se mais, naqueles regressos. Era preferível entreter o tempo com outras lembranças: as das viagens, que não tinha registado, como a última que fizera a Marrocos, antes de ter sido operada. Como tinha gostado de Mazagão!

Vínhamos de Casablanca por uma estrada paralela ao oceano, cinza-olho de raposa. E, depois de termos passado uma ponte sobre um rio, que era como um mar de primavera com as suas águas claras e generosas, a fazerem a terra reverdecer e a torná-la grávida de pão e legumes e sobrando ainda para as manchas amarelas do pampilho e o sangue, ondulante e festivo, das papoilas, apareceu a cidadela de Mazagão. Com uma imponência que o tempo não desgastara, pois mesmo na metrópole nenhuma podia comparar-se-lhe, apesar de abandonada há séculos e de ser hoje El Jadida.

Passado o arco estávamos na Rua do Arco (ainda hoje em português) e passadas as ruínas da igreja de St.º António de Pádua éramos logo chamados pela linda Porta do Mar, com a sua ferraria paralela, enquadrada por uma abóbada, baixa e larga, e que mais parecia de capela de altar, fechando a cadeado o porto e o cais daquele mar sagrado pelas caravelas, para sempre perdido, a recolher-se ao fundo de uma larga baía, entre dois promontórios rochosos. No alto e encostada à muralha, branquejava o que parecia ser uma capela, mas era a sinistra casa da Inquisição, fechada no remorso dos seus crimes. Felizmente os canhões, calados e mudos, eram, agora, entre ervas altas, papoilas e cardos, cavalos para brincar de meninos, capazes de sonho e cavalgadas mágicas, que vão longe sem sair do lugar e a que nem mesmo aquela porta, fechada a cadeado, punha freio e impedia. Mas o mais precioso da poderosa cidadela era o seu coração oculto, escondido na cisterna, com as suas abóbadas de cruzaria, apoiadas em poderosas colunas de granito — e que reflectidas na água eram como berços de sonhos, adormidos e há séculos naufragados.

Depois de Mazagão o mar tinha-se tornado de um azul, ensurdecido e acinzado, pela poalha de nuvens e abria-se em reentrâncias e boquinhas, com ilhas de um canela clarinho. Às vezes, de margens, quadriculadas, de salinas.

Mas depois de Safi, abandonámo-lo e entrámos por um achãosado largo — uma Castela outra, verde, verde — onde pastavam rebanhos com os seus pastores. Os cardos de um roxo-rosa bordejavam a estrada comprida, onde passavam burricos, que além da carga, carregavam ainda os donos. Também havia bicicletas, que passavam rápidas na leveza das suas rodas. Por aquela longa, longa estrada, onde o entardecer parecia estirar-se, preguiçoso, passavam também, em maior número, os menos afortunados, que tinham de fazer o caminho a pé e de carga às costas.

A tarde embrumava-se no rosmaninho e nas oliveiras e Marrakech não tardaria, enquadrada pelas montanhas do Alto Atlas. Em breve entraríamos nas suas muralhas, que o palmeiral dominava. Começava a anoitecer. E que bom foi encontrar no hotel El Mansour, debaixo da folhagem e do perfume das flores, cerosas e marfinadas, as laranjas, lampeõezinhos festivos, misturados ao odor intenso das rosas, na sombra regada do jardim...

A tarde tinha passado. Eram horas de aquecer a sopa e de juntar o yogurt à salada de frutas.

•

O sol ia pôr-se na janela do último quarto. E veio-lhe à memória a tão amada Rosalia, a dos «Doces galleguiños aires, / Quitadoriños de penas»², da sua adolescência. Como as cores da memória eram feéricas, luminosas! Duma pureza branca e raiada de sangue, como as flores da japoneira do quintal com o verde, vidrado das suas folhas orvalhadas, a que se misturavam, depois da Páscoa, os perfumes, delidos, das rosas e dos lilases.

Rosa, rosa — como o das rosas desfolhadas de outrora — era aquele crepúsculo, que olhava da última janela, a do quarto do fundo que viera fechar. Era de um rosa que ensurdecia aureolado pelas folhas das árvores da Circunvalação. Um rosa que manchava as nuvens que pousavam, levemente, no horizonte, a afogarem-se no azul ainda claro do céu, já empoalhado de cinza a embaciar o rosa que, em breve, se apagaria. Era-lhe impossível fechar a janela, antes que ele de todo se apagasse e morresse. Rosalia voltava, teimosamente.

[...]

Qué triste! qué hora tan triste!

Aquela en qu'ó sol s'esconde,

.....

Qu'os velos da negra noite

Entr'ela y os meus olliños

*Traidoramente se poñen.*³

E ali estava sozinha, sem vozes, sem companhia, sem ninguém. O telefone não tinha tocado. Fechou, finalmente, a janela e não acendeu a luz. Deixou-se cegar pela escuridão total. Uma escuridão menos escura do que a do seu coração.

NOTAS

¹ *Le Viatique — Livre II.*

² «Airiños, airiños, aires».

³ Rosalia de Castro, «Cando á luniña aparece», *Cantares Galegos*.